

SENHORES DA GUERRA



Trump e Netanyahu arrastam o mundo a uma nova crise no Oriente Médio, reacendendo o fantasma nuclear e pondo à prova a diplomacia global

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 24 de junho de 2025 Nº 195

Trump e Netanyahu reacendem guerra no Oriente Médio com ataque ao Irã

Luiz Carlos Azenha destaca soberania cultural e tecnológica do Irã

Governo lança pacote de inclusão e empregabilidade LGBTQIA+

Lula no G7: “É hora de devolver à ONU o protagonismo pela paz”



focus
BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: Pedro Camarão

Coordenador editorial: Guto Alves

Diagramação e Arte: Nathalie Nascimento

Colaboradores: Claudia Rocha, Fernanda Estima,

Fernanda Otero, Henrique Nunes



FUNDACÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidente: Brenno César Gomes de Almeida

Diretoras: Elen Coutinho, Mônica Valente e Naiara Raiol

Diretores: Alberto Cantalice, Alexandre

Macedo de Oliveira, Carlos Henrique Ára

Jorge Bittar e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta: Eleonora Menicucci

Conselheiros: Ana Carolina Moura Melo Dartora, Ana

Maria de Carvalho Fontenele, Arthur Chioro, Azilton

Ferreira Viana, Camila Vieira dos Santos, Dilson de Moura

Peixoto Filho, Eliane Aquino Custódio, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Damata Pimentel, Fernando

Dantas Ferro, Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada Lopes,

José Roberto Paludo, José Zunga Alves de Lima, Laís

Wendel Abramo, Luciano Cartaxo Pires de Sá, Luiza Borges

Dulci, Maria Isolda Dantas de Moura, Nabil Georges

Bonduki, Nilma Lino Gomes, Paulo Gabriel Soledade Nacif,

Pedro Silva Barros, Sandra Maria Sales Fagundes,

Sergio Nobre, Tereza Helena Gabrielli Barreto,

Vladimir de Paula Brito.

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de Melo

(Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer), Janaína

Barbosa de Oliveira (LGBT), Anne Moura (Mulheres),

Nádia Garcia (Juventude) Nilto Ignacio Tatto (Meio

Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares Mendonça

Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência), Eliane Aparecida

da Cruz (Saúde) e Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) – CEP 04117-091

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338



Aliança Bélica

Trump e Netanyahu aprofundam a instabilidade no Oriente Médio ao atacarem o Irã. A ofensiva reacende temores de proliferação nuclear, enquanto o Brasil defende o uso pacífico da energia atômica e o respeito ao direito internacional. **pág. 04**

CAPA

Trump e Netanyahu reacendem guerra no Oriente Médio com ataque ao Irã

pág. 04

BRASIL

Direitos LGBTQIAPN+ sob ataque: mais de 400 projetos tramitam no Congresso

pág. 07

Governo lança pacote de inclusão e empregabilidade LGBTQIA+

pág. 09

Caminhada reafirma visibilidade de mulheres lésbicas e bissexuais

pág. 10

ENTREVISTA

“O alto grau de soberania cultural e tecnológica do Irã é surpreendente” - Luiz Carlos Azenha

pág. 11

POLÍTICA

Lula no Mano a Mano: 10 frases que marcaram a entrevista com Mano Brown

pág. 18

Margarida Salomão propõe tarifa zero em Juiz de Fora

pág. 20

Mauro Cid e Braga Neto participam de acareação no STF

pág. 21

INTERNACIONAL

Lula no G7: “É hora de devolver à ONU o protagonismo pela paz”

pág. 22



Casa Branca

Aliados na guerra: Trump e Netanyahu coordenam ataques ao Irã e desafiam o sistema internacional.

Trump e Netanyahu reacendem guerra no Oriente Médio com ataque ao Irã

“O Brasil reitera sua posição histórica em favor do uso exclusivo da energia nuclear para fins pacíficos”, diz nota do Itamaraty.

Redação Focus Brasil

O ataque coordenado dos Estados Unidos e de Israel contra instalações nucleares no Irã deflagrou uma escalada bélica que pôs a geopolítica em suspensão à espreita dos

próximos passos.

Em apenas doze dias de conflito, desde o ataque de Israel ao Irã, mais de 600 iranianos foram mortos, entre eles, 49 mulheres e 13 crianças, e ao menos 28 civis israelenses também perderam a vida. As ofensivas cruzadas entre Teerã e Tel Aviv mergulharam o Oriente Médio em um novo ciclo de tensão, expondo o esgotamento das

vias diplomáticas e o avanço da lógica belicista como instrumento de poder geopolítico.

A operação começou em 13 de junho, com o bombardeio israelense de alvos nucleares e militares em território iraniano. Rapidamente, Teerã retaliou com mísseis sobre Tel Aviv, Haifa e Jerusalém. Em seguida, Donald Trump anunciou pessoalmente a

entrada dos EUA na guerra, lançando bombas GBU-57, capazes de atravessar bunkers, sobre as instalações de Fordow, Esfahan e Natanz. As ações, coordenadas com Israel, foram apresentadas como um esforço para “remover a maior ameaça do mundo livre”, nas palavras do embaixador israelense na ONU.

A guerra e seus nomes próprios

Enquanto Israel usava o pretexto do “direito à autodefesa” para justificar os ataques, cresciam os indícios de que a escalada tinha também um objetivo político: sustentar a frágil popularidade de Benjamin Netanyahu. Acusado internacionalmente pelo genocídio em Gaza e cada vez mais pressionado internamente, o primeiro-ministro israelense encontrou no conflito uma tábua de salvação, e Trump, um aliado disposto a apertar o gatilho.

O apoio dos EUA, no entanto, não foi unânime. Dentro do próprio Partido Republicano, vozes da extrema direita como Steve Bannon e Tucker Carlson (apresentador e comentarista de TV norte-americano) criticaram a decisão de Trump de embarcar em “mais uma guerra sem fim”. O movimento MAGA (Make America Great Again) se dividiu, enquanto republicanos e democratas conservadores celebravam a destruição parcial do programa nuclear iraniano.

Reações globais e a resposta do Brasil

No plano internacional, a aliança entre Trump e Netanyahu acendeu alertas vermelhos. Rússia, China e diversas nações latino-americanas, incluindo o Brasil, condenaram veementemente

a ofensiva militar e denunciaram a violação da soberania do Irã e do direito internacional.

O governo brasileiro, por meio do Itamaraty, adotou um tom firme ao condenar os ataques. Em nota oficial, o Brasil afirmou:

“Qualquer ataque armado a instalações nucleares representa

**Itamaraty
condena ataque
e reafirma uso
exclusivo da
energia nuclear
para fins
pacíficos**

flagrante transgressão da Carta das Nações Unidas e de normas da Agência Internacional de Energia Atômica. O governo brasileiro reitera sua posição histórica em favor do uso exclusivo da energia nuclear para fins pacíficos e rejeita com firmeza qualquer forma de proliferação nuclear, especialmente em regiões marcadas por instabilidade geopolítica, como o Oriente Médio.”

A posição brasileira reforça o princípio da não proliferação nuclear e denuncia o duplo padrão

vigente: enquanto o Irã é signatário do Tratado de Não Proliferação e coopera com inspeções da AIEA, Israel não reconhece o tratado, embora possua um arsenal estimado em 90 ogivas atômicas, um “segredo” ventilado, mas jamais admitido oficialmente.

Trégua sob suspeita

O cessar-fogo anunciado por Trump no dia 24 de junho foi recebido com desconfiança. Horas depois do anúncio, Israel acusou o Irã de violar o acordo ao lançar um míssil sobre seu território, acusação negada por Teerã. Trump, por sua vez, declarou estar “descontente” com os dois lados, afirmando que “lutam tanto que já não sabem o que estão fazendo”.

Apesar da trégua formal, ataques pontuais continuaram sendo registrados. O próprio Trump chegou a pedir, em tom exasperado: “Não despeje essas bombas. Se fizer, será uma grande violação”. No Irã, o presidente Masoud Pezashkian classificou o cessar-fogo como uma vitória da resistência. Já o governo israelense declarou ter atingido “todos os objetivos estratégicos”, ainda que os danos ao programa nuclear iraniano tenham sido considerados limitados por especialistas internacionais.

A lógica da destruição

O conflito escancarou a fragilidade da arquitetura internacional de segurança. Para o economista Jeffrey Sachs, o ataque americano foi feito sob encomenda de Netanyahu: “Foi Netanyahu quem mandou. Trump apenas seguiu ordens.” Em entrevista recente, Sachs lembrou que, segundo a própria inteligência americana, o Irã não desenvolve armas nuclea-



Líder supremo do Irã, aiatolá Khamenei acusa EUA e Israel de violar soberania iraniana

res desde 2002 e mesmo assim foi atacado.

A ONU, mais uma vez, mostrou-se impotente. Apesar de a maioria dos países condenar a ofensiva, os EUA vetaram qualquer resolução crítica no Conselho de Segurança. O resultado foi a repetição de um padrão: os aliados de Israel agem com impunidade, enquanto o mundo assiste.

A beira do abismo

A guerra aérea entre Teerã e Tel Aviv parece, por ora, contida. Mas o risco de uma escalada terrestre e regional permanece. O petróleo disparou no mercado internacional, e a desestabilização ameaça atingir o Líbano, a Síria e

o Iraque. O Catar, que interceptou mísseis iranianos contra bases dos EUA, já alertou para “consequências catastróficas”.

A disputa, como sempre, é travada sob o pretexto da segurança, mas com alvos civis. Entre os mortos estão crianças, mulheres, jornalistas e prisioneiros políticos. O Irã, que já executa quase mil pessoas por ano, transferiu detentos da prisão de Evin após bombardeios israelenses. Em Israel, abrigos lotados e cidades em alerta completam o quadro de pânico.

O papel do Brasil

O que está em curso não é apenas uma guerra: é a reafirmação

do poder imperialista em um mundo cada vez mais instável. Ao lado de Netanyahu, Trump tenta mostrar força enquanto se repositiona na política doméstica dos EUA. O bombardeio ao Irã não interrompeu o programa nuclear, mas reforçou a ideia, entre setores do regime iraniano, de que só a bomba garantiria sua sobrevivência.

Nesse cenário, o posicionamento do Brasil ganha relevância. Ao defender a paz, o uso civil da energia nuclear e o respeito à soberania dos povos, o governo Lula resgata uma tradição histórica da diplomacia brasileira e afirma ao mundo que, mesmo em tempos de barbárie, é possível manter o compromisso com o direito internacional e com a vida.



O Congresso, campeão de projetos contra população LGBTQIAPN+, iluminado com as cores do arco-íris

Direitos LGBTQIAPN+ sob ataque: mais de 400 projetos tramitam no Congresso

Levantamento aponta ofensiva conservadora no Legislativo contra a população LGBTQIAPN+, enquanto parlamentares progressistas apresentam propostas por igualdade, reparação e proteção social

Fernanda Otero

Um estudo da Aliança Nacional LGBTI+ mapeou 437 projetos de lei em tramitação nas esferas federal e estadual com conteúdo considerado prejudicial à população LGBTQIAPN+. A maioria dessas

propostas, justificadas sob o argumento de “proteção à infância”, carrega, segundo o relatório, motivação ideológica e segue um modelo conservador de ofensiva legislativa já identificado em outros países.

O presidente da Aliança Nacional LGBTI+, Toni Reis, afirmou que essas iniciativas refletem a influência crescente da extrema direita e do conservadorismo re-

ligioso no Legislativo brasileiro. “Tais projetos seguem modelos globais, adaptados ao contexto brasileiro”, disse em entrevista ao portal Congresso em Foco. Segundo ele, cerca de 98% dessas propostas são inconstitucionais.

Os projetos variam em escopo e impacto, mas têm em comum a tentativa de restringir a presença e a expressão da população LGBTQIAPN+ no espaço público. Entre

eles, está o PL 106/2025, de autoria do deputado Coronel Chrysóstomo (PL-RO), que propõe a proibição do uso de símbolos religiosos em Paradas LGBTQIAPN+, com multa de R\$ 50 mil e até suspensão do evento em caso de reincidência. Já o PL 906/2025, de Marcos Pollon (PL-MS), propõe impedir a presença de menores em eventos da comunidade, com sanções de até R\$ 100 mil.

Outras propostas visam restringir a participação de atletas trans em competições públicas, como o PL 3.218/2024, da deputada Missionária Michele Collins (PP-PE), e proibir campanhas publicitárias com crianças em conteúdos LGBTQIAPN+, como o PL 3.813/2023, do deputado Maurício do Vôlei (PL-MG). Há ainda projetos antigos, como o PL 580/2007, que pretende regulamentar o casamento homoafetivo, mas segue parado na CCJ da Câmara.

Estatuto da Diversidade e cotas para população trans são destaque na Câmara

Apesar do avanço das pautas regressivas, iniciativas lideradas por parlamentares progressistas têm buscado ampliar os direitos e garantir o acesso da população LGBTQIAPN+ a políticas públicas e espaços institucionais. Um exemplo é o projeto da deputada Daiana Santos (PCdoB-RS), que propõe o Estatuto da Diversidade, inspirado no Estatuto da Igualdade Racial. A proposta reúne 28 artigos e trata de temas como reconhecimento de identidade de gênero, proteção contra discriminação familiar e acesso universal a serviços de saúde e trabalho.

Entre os pontos centrais, estão o direito à retificação do registro civil a partir dos 18 anos, o reconhecimento de vínculos familia-

res diversos e a adoção de medidas que assegurem o atendimento sem discriminação em equipamentos públicos de saúde e assistência social.

Outra proposta relevante é da deputada Denise Pessoa (PT-RS), que prevê a reserva de 2% das vagas em concursos públicos e seleções temporárias para travestis e transexuais. A cota seria aplicada sempre que houver vagas em disputa por ampla concorrência. Caso não haja candidaturas ap-

“Tais projetos seguem modelos globais de retrocesso, adaptados ao contexto brasileiro”

Toni Reis, Aliança Nacional LGBTI+

tas, as vagas retornam ao sistema geral. A medida é apresentada como política de reparação frente à exclusão histórica da população trans no mercado formal de trabalho.

No Senado, foco é a proteção

No Senado, o protagonismo é do senador Fabiano Contarato (PT-ES), que apresentou projeto

para garantir direitos básicos a travestis e transexuais em privação de liberdade. A proposta altera a Lei de Execução Penal para assegurar o uso do nome social, a alocação de pessoas em alas compatíveis com sua identidade de gênero e o acesso a serviços de saúde, higiene e segurança.

O projeto reconhece que a população trans é especialmente vulnerável à violência institucional e a abusos no sistema prisional brasileiro. Ao criar diretrizes para o respeito à dignidade dessas pessoas, o texto busca também prevenir violações e promover condições mais humanizadas de cumprimento de pena.

Brasil ainda lidera ranking de violência

O relatório anual do Grupo Gay da Bahia (GGB), divulgado em janeiro de 2025, apontou que o Brasil registrou 291 mortes violentas de pessoas LGBTQIAPN+ em 2024. O número representa um aumento de mais de 8% em relação ao ano anterior. Os dados incluem homicídios, latrocínios, suicídios e outros tipos de violência relacionados à identidade de gênero ou orientação sexual.

A média é alarmante: uma pessoa LGBTQIAPN+ foi morta de forma violenta a cada 30 horas no país. A maior parte dos casos foi classificada como homicídio (239), seguida de latrocínio (30), suicídio (18) e outras causas (4). O Brasil segue liderando o ranking de nações que registram esse tipo de crime, entre os países que monitoram de forma sistemática. Os dados foram coletados com base em notícias da imprensa, registros online e relatos enviados diretamente à organização. Em escala global, ainda não existem sistemas consolidados de monitoramento comparável.



Lançamento da campanha “O Brasil é de Todas as Cores” na 29ª Parada do Orgulho LGBTQIA+ de São Paulo.

Governo lança pacote de inclusão e empregabilidade LGBTQIA+

Campanha “O Brasil é de Todas as Cores” marca semana de ações com foco em participação social, empregabilidade e combate à violência

Guto Alves

Com a presença de representantes de diversos ministérios, o Governo Federal lançou no domingo, 23 de junho, a campanha nacional “O Brasil é de Todas as Cores”, durante a 29ª Parada do Orgulho LGBTQIA+ de São Paulo. A mobilização marca o início de uma nova etapa da política de participação social e cidadania para a população LGBTQIA+, em

articulação com a 4ª Conferência Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+.

A campanha é coordenada pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) e pretende ampliar o diálogo entre Estado e sociedade civil, reforçando a atuação de redes de proteção e canais de denúncia de violência, como o Disque 100.

Participaram do lançamento a ministra Macaé Evaristo, a secretária Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+, Symmy Larrat, o secretário Nacional dos Di-

reitos da Pessoa Idosa, Alexandre da Silva, além de representantes dos ministérios da Saúde, das Comunicações, do Desenvolvimento Social e da Previdência.

Empregabilidade e combate à exclusão

Um dos anúncios centrais foi o edital de adesão de empresas à Estratégia Nacional de Trabalho Digno, Educação e Geração de Renda, que integra o projeto-piloto Empodera+. O objetivo é fomentar políticas afirmativas no mercado de trabalho, com foco na

inclusão de pessoas LGBTQIA+.

Segundo a ministra Macaé Evaristo, a medida responde a uma das principais demandas da população. “Queremos que os direitos das pessoas LGBTQIA+ deixem de ser tratados como bandeira de resistência e passem a ser reconhecidos como parte estruturante das políticas públicas”, afirmou.

Reforço à inclusão digital

Durante a programação da Semana do Orgulho, também foram entregues 150 computadores a 15 organizações da sociedade civil que atuam na promoção de direitos e serviços à população LGBTQIA+. A ação foi realizada em parceria com o Ministério das Comunicações, dentro da estratégia de fortalecimento da atuação em territórios periféricos.

De acordo com Symmy Larrat, a presença do governo em iniciativas comunitárias representa um novo momento institucional.

“Viemos para apoiar quem já faz. As organizações de base têm protagonismo histórico e são essenciais para garantir acesso à saúde, educação, cultura e proteção social.”

Políticas para o envelhecimento LGBTQIA+

O tema da 29ª Parada do Orgulho LGBTQIA+ foi “Envelhecer LGBT+: Memória, Resistência e Futuro”. A agenda do envelhecimento saudável esteve no centro dos debates promovidos pelo MDHC e orientou falas dos gestores presentes. “No Brasil, o direito de envelhecer ainda é seletivo. Por isso estamos debatendo políticas de acolhimento, cuidado e moradia para pessoas LGBTQIA+ idosas”, disse a ministra.

Alexandre da Silva, secretário dos Direitos da Pessoa Idosa, também reforçou a importância de um olhar interseccional. “Enve-

lhecer não pode ser um privilégio de poucos. Nosso compromisso é fazer valer esse direito para todas e todos.”

Canal de denúncia e proteção

As ações do governo reforçaram a divulgação do Disque 100, serviço que recebe denúncias de violações de direitos humanos, inclusive contra pessoas LGBTQIA+. O canal funciona todos os dias, 24 horas, com acesso gratuito e atendimento em diferentes formatos, incluindo WhatsApp, chat online e Libras.

O Disque 100 pode ser acionado por telefone ou pelo site da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, e é um dos instrumentos centrais da política pública de enfrentamento à violência e à discriminação.

Com informações do Ministério dos Direitos Humanos

Caminhada reafirma visibilidade de mulheres lésbicas e bissexuais

Evento integra a semana da diversidade em São Paulo e denuncia lesbofobia, racismo e a ausência de políticas públicas para mulheres lésbicas e bissexuais

Realizada na véspera da Parada do Orgulho LGBTQIA+ de São Paulo, a 23ª Caminhada de Mulheres Lésbicas e Bissexuais reuniu centenas de participantes entre o Largo do Paissandú e a Praça da República no último sábado (21). O ato integra a programação da semana da diversidade e reforça a luta por direitos, reconhecimento e cidadania.

Ao longo do trajeto, manifestações políticas, culturais e musicais deram o tom do evento, que se consolidou como uma das prin-

cipais expressões de resistência e visibilidade lésbica do país. Desde sua criação, a caminhada busca marcar presença num espaço que historicamente invisibilizou as demandas específicas das mulheres lésbicas e bissexuais.

Neste ano, o manifesto lançado durante a caminhada teve como eixo o combate à violência e ao racismo. O documento denuncia a lesbofobia estrutural e o aumento dos lesbocídios, além de cobrar políticas públicas efetivas que reconheçam as particularidades das

mulheres negras lésbicas, uma das populações mais vulneráveis à exclusão e à violência.

A caminhada também reforçou a defesa da democracia e o compromisso com a justiça e a memória, ao repudiar qualquer tentativa de anistiar os responsáveis por atentados contra o Estado de Direito. O ato foi encerrado com uma convocação coletiva à resistência, à ocupação dos espaços públicos e à afirmação das existências e conquistas dessas mulheres.

“O alto grau de soberania cultural e tecnológica do Irã é surpreendente”

Em entrevista à Focus, jornalista narra bastidores da recente viagem ao Irã e alerta: “podemos caminhar para uma guerra regional”

Fernanda Otero

“Parece uma cidade brasileira”, diz Luiz Carlos Azenha ao lembrar da movimentação nas ruas de Teerã. Convidado por uma fundação local a integrar uma comitiva de jornalistas da América Latina, ele passou oito dias no Irã e voltou com uma visão surpreendente de um país muitas vezes reduzido, no Ocidente, a imagens militares e de repressão. O que encontrou foi uma sociedade em movimento, com jovens conectados, ruas cheias, lojas abastecidas e mulheres circulando sem hijab, mesmo com décadas de sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos.

“O Irã tem um alto grau de so-

berania cultural e tecnológica”, afirma. “Eles fazem seus próprios drones, mísseis, novelas, filmes e animações. Não importam conteúdo de fora, têm uma indústria própria.” A fala de Azenha aponta para um aspecto menos discutido do Irã: sua capacidade de produzir tecnologia e cultura de forma autônoma, mesmo diante do bloqueio econômico.

A viagem recente ao Irã rendeu impressões vívidas. Azenha esperava encontrar um país isolado e empobrecido pelas sanções impostas há décadas pelos Estados Unidos e Europa. Encontrou ruas movimentadas, comércio aquecido e jovens usando redes sociais por meio de VPN. “As lojas estão cheias. Vi mulheres sem hijab,

o que me surpreendeu. Em Teerã, parece uma cidade do Brasil, com gente tirando selfies, indo ao cinema, frequentando parques”, relata. O jornalista destaca o orgulho nacional e a resistência iraniana como traços marcantes: “É uma sociedade que aprendeu a se virar. E tem muito orgulho de si mesma.”

Da televisão brasileira à edição artesanal

Reconhecido por uma trajetória de décadas no jornalismo televisivo, com passagens pela Globo, Manchete e Record, Luiz Carlos Azenha hoje vive uma fase mais artesanal de sua carreira. É ele quem roteiriza, filma, narra e edita seus próprios documen-



tários para a Revista Fórum. Foi assim com Ato 18, sobre os atos golpistas de janeiro de 2023, que ultrapassou um milhão de visualizações.

“Tenho mais prazer hoje nesse trabalho, que é quase autoral, do que nas pequenas reportagens da televisão”, conta. Ele gravou toda a viagem ao Irã e está finalizando um novo documentário, com destaque para duas cenas: uma celebração religiosa em mesquita e a visita às instalações militares. “Quis mostrar o cotidiano, os mercados, a cultura. Tem cinema, tem 1.000 salas no país, uma televisão forte que faz animações, novelas... Eles têm soberania cultural de verdade.”

“A guerra a gente nunca sabe quando termina, como termina”

Com décadas de experiência como correspondente internacional, o jornalista enxerga no atual conflito do Oriente Médio uma combinação perigosa de imprevisibilidade e desinformação. “Trump prometeu negociação, mas agiu com má-fé. É a segunda vez que ele promete diálogo e ataca no fim de semana. Como confiar?” O risco, segundo ele, não está apenas no ataque isolado, mas no padrão de ação unilateral dos EUA, com o apoio de Israel, que desestabiliza a região e empurra o mundo para uma guerra de proporções imprevisíveis.

Leia a entrevista completa:

- Você foi ao Irã recentemente, o que você viu lá?

- Foi a minha primeira vez no Irã, então eu fiquei muito surpreso. Primeiro, eles têm sido sancionados pelos Estados Unidos

e muitos países europeus desde 1987, quase 40 anos de sanções. Então, eu não esperava ver um país tão vivo, com muitas pessoas nas ruas. Você vai para as lojas e elas têm tudo disponível. Primeiro, fiquei surpreso com isso. Depois, eu esperava ver as mulheres vestindo o hijab, e de repente, saí do hotel e vi mulheres sem o hijab, sem as capas, mostrando o cabelo, em todo o Irã. Fiquei muito surpreso. Eu sabia disso, mas não imaginava que fosse assim, porque em 2022 e 2023, as mulheres fizeram grandes protestos, houve uma revolução dentro da revolução, porque as mulheres hoje, no Irã, estão fazendo tudo. E muitas delas estão nas ruas sem o hijab, então isso me surpreendeu. Parece uma cidade no Brasil, você vai a todos os lugares e as pessoas estão tirando selfies, fotos... é engraçado. Pelo menos em Teerã,

que é uma cidade enorme com 17 milhões de pessoas em uma cidade. É uma cidade enorme. Eu fiquei muito impressionado com o Irã. É uma civilização de 3.000 a 4.000 anos, os iranianos têm muito orgulho de si mesmos. Nós chamávamos, os europeus os chamavam de persas, mas eles não gostavam, não que não gostassem, mas a Pérsia, para eles, é apenas uma província do Irã, chama-se Irã desde 1935. E eles são pessoas muito orgulhosas, com uma indústria muito desenvolvida.

- Eles têm acesso livre à comunicação, à rede social? Eles são, em qualquer nível, controlados ou algo assim?

- Eles têm suas próprias mídias sociais. O YouTube, o Instagram e o X são bloqueados, mas muitas pessoas, incluindo pessoas do governo, usam VPN. Você pode usar VPN e parecer que não está no Irã, pois recebe um IP da Alemanha ou dos EUA. Muitas pessoas no Irã postam no Instagram.

- Quem te convidou para ir lá? E qual foi a intenção da viagem?

- Uma fundação local que está tentando estabelecer boas relações entre o Irã e a América Latina, chamada Fundação Khayyam. Eles nos trouxeram, e, na verdade, foi um grande grupo de pessoas, éramos eu e outros três colegas de outras mídias do Brasil.

Nossa visita se deu alguns dias antes do grande discurso do Ayatollah Khamenei, então a segurança estava muito, muito rígida. E eu entendo isso—nossos guias lá explicaram: “Israel matou muitas pessoas aqui no Irã” no ano passado, mataram o presidente do Hamas no mesmo dia em que o novo presidente do Irã assumiu. Israel matou o líder do Hamas em um hotel—numa residência oficial, para ser sincero.

Então, sim, mesmo antes de

Israel atacar Teerã e o Irã, já havia um certo medo. Eles estavam muito receosos, porque, como ouvi e me disseram, havia uma vigilância em torno de jornalistas que buscavam informações. Israel conseguiu quase destruir o Hezbollah no Líbano, fez o mesmo com o governo sírio, quase fez o mesmo com os Houthis, e agora está atacando o Irã.

“O Irã tem uma soberania cultural e tecnológica que me surpreendeu muito”

- Tinha representantes de outros países?

- Sim, estavam convidados da Turquia, países ao redor como o Azerbaijão, Rússia... Eu não vi nenhum convidado da China, mas o Irã tem boas relações com alguns países. Agora está melhorando as relações com a Arábia Saudita, por exemplo. Eles reestabeleceram laços com a Arábia Saudita, e o Irã já é membro do BRICS há muito tempo. Acho que estão tentando usar o BRICS para contornar as sanções.

Mas fiquei realmente surpreso. Fui a um mercado comercial lá e vi que o comércio está indo muito bem. Eles têm problemas econômicos, como inflação, mas o preço do petróleo, da gasolina, é muito barato. A gasolina é barata se você só usar sua cota mensal—você paga US\$ 0,02 centavos por litro, desde que você use a cota mensal, que é de 60 litros. Depois, passa a custar US \$0,35 por litro, o que ainda é mais barato que no Brasil. Mas não há grandes dificuldades. Você vê lojas cheias, muitas pessoas nas ruas... É um país que está se reerguendo. Ficamos oito dias, e nos levaram para visitar muitas cidades lindas. É realmente um país bonito. Lindo. Porque, quando você pensa no Irã—pelo menos no Brasil ou nos EUA—só vê imagens do Ayatollah Khamenei ou os murais políticos pelas ruas. Mas, na realidade, não é tão presente assim.

Eu fui ao Iraque algumas semanas antes do país ser atacado pelos Estados Unidos, e em Bagdá, você via Saddam Hussein em todo lugar. No Irã, é diferente. As cidades são lindas, com pinturas abstratas, muitas árvores e parques. Fiquei impressionado. O Irã é realmente um país belíssimo.

- Você viu alguma coisa, ou eles mencionaram algumas histórias sobre uso nuclear atômico? Alguma coisa relacionada a isso?

- Eles nos levaram ao Guardião Revolucionário, que é uma espécie de museu - um parque aéreo, um museu militar. Ficamos surpresos, porque nos levaram lá em grupo justamente para filmar e conversar com um general. Acabamos fazendo uma entrevista com ele, que nos mostrou - não os mísseis mais avançados - mas os modelos básicos de mísseis e drones que estavam expostos no local. Ele nos explicou tudo detalhadamente.

Perguntamos como isso foi possível, já que o país está sob sanções há quase 40 anos. Ele respondeu que foram forçados a se desenvolver: em 1980, como sabemos, Saddam Hussein, com forte apoio da França, Grã-Bretanha e Estados Unidos, atacou o Irã, foi uma guerra horrível, terrível - eu li muito sobre isso. Oito anos de conflito, cerca de 200 mil iranianos morreram (provavelmente até mais). Saddam chegou a usar armas químicas contra as tropas iranianas, foi realmente atroz. Ele explicou que essa sociedade se desenvolveu militarmente porque Saddam começou a lançar mísseis Scud (que obteve da França) por todo o Irã, isso obrigou o país a desenvolver seus próprios mísseis. Quando vemos hoje eles lançando mísseis contra Israel, na verdade esses armamentos não foram desenvolvidos para enfrentar os EUA, mas sim um vizinho - o Iraque. Os Estados Unidos esperavam que o Iraque derrotasse o Irã, mas no final o Irã quase venceu a guerra, essa é uma população acostumada a lutar, que não tem medo. Quando vejo a situação atual, com eles lançando mísseis contra bases americanas no Oriente Médio, fica claro que esses caras realmente têm coragem.

- O que é que você espera agora que pode acontecer?

- Olha, com esse ataque de agora há pouco do Irã, as bases dos Estados Unidos no Iraque e no Catar, a situação fica muito mais complicada. A base do Catar é a maior base americana, né? Então, eu tenho a impressão que o regime do Khamenei fez os cálculos e pensou o seguinte: olha, o Trump não vai desistir, ele vai vir para cima da gente para derrubar o governo e fazer a troca do regime. Essa história da bomba nuclear do Irã parece muito com a história das armas de destruição em massa do Saddam Hussein. Aliás,

uma assessora muito importante do Trump disse que o Irã ainda não tinha a bomba, o Trump mandou ela se calar, isso foi antes do ataque. Ela falou, não, o Irã não tem a bomba ainda, essa é a avaliação do Serviço de Inteligência dos Estados Unidos. Acredito que foi um pretexto e que Israel quer, na verdade, trocar o regime, porque se Israel teve uma derrota política, Israel não teve uma derrota militar, você não pode dizer que teve uma derrota militar,

“Mesmo com sanções desde 1987, vi um país vivo, cheio de gente nas ruas”

pode ter tido uma derrota política, pode ter tido uma derrota estratégica até, no que eu acredito que tenha tido uma derrota estratégica do Israel, porém, do ponto de vista militar, Israel desmantelou o Hezbollah no Líbano, que era uma força muito importante para o próprio Irã, para a defesa do Irã, depois caiu o governo da Síria, ou seja, não tem mais a Síria como base para o Irã. O governo do Iêmen não é nem um governo do país, é um país dividido, então

uma parte do Iêmen, os Houthis, que estão dando apoio, e o Iraque tem lá algumas milícias dentro do Iraque que apoiam também. Então se você atacar o Iraque, e é até compreensível, que não vai haver uma reação popular do Iraque, pelo contrário, os iraquianos estão indo para a rua, estão pedindo que a embaixada americana seja fechada no Iraque.

No Catar é diferente, veja bem, o Catar foi um dos países que condenaram verdadeiramente o ataque dos Estados Unidos, e obviamente, se ataca a base americana no Catar, não é território no Catar, mas é, de certa forma, você mandar um míssil em outro país, em um terceiro país. A impressão que eu tenho com esse ataque é que o regime do Ayatollah chegou à conclusão de que os Estados Unidos estão nessa de derrubar, de acabar com o regime mesmo, de fazer troca do regime. Como você faz isso? Veja, Israel atacou uma emissora de TV, um alvo civil, uma emissora de TV. Pode ser até uma emissora estatal, mas isso não é um alvo militar, Israel cometeu assassinatos, matou muitos civis, inclusive no Irã, atacou muito perto do hotel onde eu estava hospedado, inclusive, que é uma área residencial, e ficou claro que o escopo do ataque de Israel dá indícios de que foi claramente uma tentativa, e vem sendo uma tentativa de mudar, de derrubar o governo e instalar um governo no lugar do governo islâmico, da Revolução Islâmica de 1979, do regime dos Ayatollahs.

Eu acho que eles entenderam isso e falaram, vamos primeiro retaliar os Estados Unidos, e segundo, a gente precisa bater em alguma coisa importante deles aqui na região, que é esta gigantesca base que os Estados Unidos tem no Catar. Obviamente, os americanos já tinham tirado muito do seu equipamento, desta base, então, muitas vezes, na política interna-

cional, com a minha experiência, eu vejo isso. Você faz uma coisa mais para consumo do público. Talvez esse ataque americano não tenha sido tudo isso que o Trump vendeu lá como destruição, mas também não sei se esse ataque do Irã é aquele ataque em que falam “vou mandar a bala para você só para dar satisfação para a minha população”. Então, a gente tem que ver para onde vai, o que vai acontecer nas próximas horas, porque se os Estados Unidos realmente forem entrar na guerra, aí eles vão mexer mundos e fundos.

Mas, acredito que uma guerra é uma loucura completa, porque você vai colocar no Golfo Pérsico, o Irã tem 700 quilômetros de costa no Golfo Pérsico, que é ali que passa 20% do petróleo do mundo, quer dizer, você começar uma guerra ali, você pode contar aí que nós vamos elevar o preço da gasolina, do barril do petróleo, a US\$ 100 dólares para mais, e isso é uma crise internacional.

- O Catar tem prestado um papel pacificador, de modo geral, independente do que foi o alvo, é um país que está buscando soluções. E também foi meio jogo sujo do Trump dizer que ele ia tomar uma decisão em duas, três semanas, e de repente acordamos com a notícia de que tinha acontecido esse ataque. Qual a sua expectativa quanto ao Trump, uma pessoa absolutamente imprevisível, a gente não sabe o que sai da cabeça dele. Você acha que tem alguma possibilidade de, enfim, de algum acordo, porque a Europa também está sendo muito criticada pelo silêncio. Como é que você vê esse cenário de todas essas peças aí dispersas?

- O Irã é muito importante para a Rússia e para a China. A posição estratégica do Irã, se você for olhar projetos, por exemplo, o Irã primeiro tem acordos estratégi-

cos, não de defesa, mas estratégicos no sentido de troca, de 20 anos com a Rússia e de 25 anos com a China. A China prometeu investir US\$ 400 bilhões de dólares no Irã. A China quer fazer uma ferrovia ligando o seu território, passando por vários países da região, inclusive pelo Afeganistão, e chegando ao Irã, e depois prometeu uma ferrovia de Teerã até a fronteira com o Afeganistão para fazer a conexão. Se você olhar essa nova rota da seda chinesa, o Irã é um

“Muitas mulheres andam sem hijab em Teerã, é uma revolução dentro da revolução”

entroncamento essencial. Além disso, o Irã é o grande fornecedor de petróleo para a China. Então, a China tem grande interesse. A Rússia, mais ainda, porque a Rússia recebe drones, recebeu tecnologia de drones do Irã para usar na guerra da Ucrânia. Então, tanto a Rússia quanto a China, para eles, é meio que inaceitável essa ideia de derrubar um regime e colocar um regime pró-americano, porque se os Estados Unidos

emplacarem um regime pró-americano no Irã, o Iraque vai junto, e aí, bem na barriga, né? É até ruim até falar disso, mas geograficamente é bem na barriga da China, estou vendo um mapa aqui agora, o Irã não tem fronteira direta com a China e nem com a Rússia, mas ele compartilha com a Rússia um pedaço do Mar Cáspio, um ponto muito estratégico, a ponte terrestre entre a Ásia e a Europa, além de ser o terceiro maior produtor de petróleo do mundo. Eu penso que podemos caminhar para uma guerra regional; e guerra, a gente nunca sabe quando termina, como termina.

Eu lembraria você hoje o que o nosso Celso Amorim disse em uma entrevista “a ordem mundial acabou”, eu achei muito forte o Celso Amorim dizer isso.

Esse ataque do Trump foi completamente unilateral - sem autorização do Congresso americano, sem passar pelo Conselho de Segurança da ONU, sem consultar a OTAN, a França, o Reino Unido, sem consultar ninguém. Um ataque flagrante contra a soberania do Irã, feito sob pretextos, sem provas materiais. Como se justifica bombardear instalações nucleares que estão sob inspeção regular da Agência Internacional de Energia Atômica? O Irã é signatário do Tratado de Não-Proliferação Nuclear. Enquanto isso, Israel possui armas nucleares, não assinou o tratado e não permite inspeções. E mesmo assim, os EUA vão e bombardeiam as instalações iranianas? Isso depois que o próprio Trump havia prometido uma sexta rodada de negociações com o Irã. Ele chegou a mencionar que isso aconteceria em duas semanas. Há duas artimanhas particularmente enganosas nisso tudo, pois havia uma reunião marcada para um domingo, mas Israel atacou dias antes. Quando eu estava no Irã, as pessoas comentavam

sobre mais uma rodada de negociações que estava sendo discutida, Trump agiu de má-fé. Não há como o Irã confiar nele - é a segunda vez que ele promete negociações e ordena um ataque surpresa no fim de semana.

- Você acha que avança o pedido de impeachment feito pela deputada Alexandria Ocasio-Cortez?

- Não vai avançar, não tem a menor chance. Isso é puro jogo político interno. O Trump tem maioria no Senado e na Câmara dos Representantes. Na minha avaliação, isso é basicamente política interna dos Estados Unidos. A situação dentro do próprio movimento Trump está mais fragmentada do que nunca - nunca vi tanta disputa interna. Lembra que o Trump foi eleito prometendo paz mundial? Durante a campanha, ele dizia: “Vou resolver a crise no Oriente Médio”, “Vou acabar com a guerra na Ucrânia”, “Não vou gastar um dólar sequer fora dos Estados Unidos”, “Vou trazer de volta o dinheiro que damos à Europa e investir aqui”. E agora? O Trump está gastando - ou melhor, Israel está gastando US\$ 200 milhões por dia em interceptadores fabricados nos Estados Unidos. Provavelmente os EUA acabarão doando esses mísseis interceptadores para Israel. No final das contas, ele está gastando tanto dinheiro quanto os políticos que sempre criticou por serem belicistas.

- Você viveu a era pré-rede social. Queria que você comentasse um pouco sobre esse mundo extremamente digital que vivemos, isso influencia o seu trabalho também?

- Eu já fui uma pessoa muito entusiasmada com a internet, com as redes sociais. Tive um grande entusiasmo naquele comecinho,

achando que as redes sociais iam transformar a comunicação no planeta, etc. Bom, elas se transformaram, por causa do fato de que hoje é tudo muito instantâneo - já aconteceu no Catar, você está sabendo agora, tal, assim. E aí, no meu ponto de vista, isso me favoreceu, essa instantaneidade. Por quê? Porque, como tem uma superoferta de informação, eu posso usar e aproveitar da minha experiência para colocar as coisas mais no contexto. Então os leito-

“Israel matou líderes no Irã e age para trocar o regime; é um jogo perigoso”

res gostam de receber uma coisa com um pouquinho mais de contexto, né? É uma coisa você ir para o Irã e falar do Irã: ‘ah, eu fiz isso, isso, aquilo’, assim, fazer uma coisa. Ou outra coisa: você entender o mundo em que o Irã está inserido. E eu, como tenho uma experiência de correspondente que foi longa no mundo, né? Que eu comecei em 1990, na TV - em 1980, 1985 eu já era correspondente, aí fiquei quase 20 anos fora lá, mo-

rando em Nova Iorque, em Washington. Então eu já tinha essa experiência para me favorecer. Agora eu acho que as redes sociais passaram por uma transformação nos últimos cinco, seis anos, que tem muito a ver com o algoritmo. E como agora eu lido com isso diretamente aqui na revista Fórum, para a qual eu trabalho, você vê o humor do algoritmo, né?

O humor do algoritmo pode fazer ter 100 mil views no vídeo, pode fazer um milhão, ou três, ou quatro, quer dizer, essa é uma grande preocupação. Essas grandes empresas - tipo Meta, Google - elas controlam a comunicação do mundo hoje, pois dependendo da maneira como elas trabalharem o algoritmo, como funciona isso? Quanto mais tempo você ficar na rede social, obviamente, mais dinheiro eles ganham. Permanência é tudo, e o que é que gera permanência? Coisas que causem emoção nas pessoas. Então você tem o gatinho, você tem o cachorrinho, mas você tem o ódio, você tem a briga política. O ódio gera muita renda. Eu fico espantado. Ontem eu estava vendo o meu X, por exemplo, e começaram a cair uns antissemitas americanos enlouquecidos. Tinha um cara lá no X - eu não sou seguidor - apareceu na minha timeline, um cara falando do Hitler. Eu falei, meu deus, deixa eu bloquear esse cara! O que é que isso tá caindo aqui? Por quê? O Elon Musk assumiu o Twitter e falou ‘seja o que Deus quiser, cada um por si’. Então tem de tudo nessas redes sociais - não é só no Twitter não. O Twitter piorou muito, O X, que é o novo Twitter, tá um horror. Mas o TikTok também tem muita coisa.

E me preocupa muito isso - não só na questão da comunicação, mas no ódio que vai levar a feminicídio, no ódio que leva aos ataques nas escolas, no ódio que faz as crianças chegarem em casa

chorando porque receberam ataques pela internet, no ódio que faz esses desafios que matam gente, a molecada fica brincando de desafio: ‘vamos ver quem respira mais desodorante’. Aconteceu de uma menina aqui do Brasil aparentemente morrer por causa disso. Então isso me preocupa - esse poder dessas grandes empresas, que é um poder superior ao poder de Estados hoje. A gente tem o exemplo brasileiro, que é muito claro disso: o STF tendo que enfrentar essas redes, e o Congresso Brasileiro não passa nada, porque as redes têm uma grande influência. E não é só aqui não - não passa no congresso americano, tem dificuldade pra passar em qualquer país que não seja... Alguns países europeus, a União Europeia ainda conseguiu fazer alguma coisa, a Austrália fez um pouco. Mas países com menor poder de enfrentamento estão sujeitos ao poder desses caras, que são meia dúzia de bilionários.

- Queria que você falasse um pouco sobre esse documentário. Quando é que ele vai sair? Você pode adiantar alguma coisa?

- Esse eu fiz correndo, correndo mesmo. Porque eu falei pro Renato Rovai, que é o meu chefe: ‘Ô, Rovai, a situação do Irã tá andando tão rápido que vai ver que eu e os colegas do Brasil, e os convidados, fomos os últimos a ver um discurso público do Ayatollah Khamenei’. Porque ele vai levar um tempo pra fazer uma aparição pública, ele tá lá num bunker gravando vídeos, tá com medo dos ataques de Israel e dos Estados Unidos. Disse vamos botar esse material logo no ar, porque tem muita curiosidade sobre o Irã. Sabe-se muito pouco sobre o Irã, eu acho que as pessoas vão ficar surpresas, principalmente aqui no Brasil. Rendeu muito material, mas duas coisas que

renderam material muito bom: o dia que a gente passou - as horas que a gente passou na mesquita, que festejou o dia do sacrifício - e também as horas que passamos com o general da Guarda Revolucionária, olhando o equipamento. Todo o equipamento militar, o mais avançado do Irã, e como eles fazem engenharia reversa, né? A construção de tudo foi feita com engenharia reversa.

Por exemplo: eles pegaram um drone dos Estados Unidos, des-

“A guerra, a gente nunca sabe quando termina, como termina”

montaram e aprenderam muita coisa que usaram pra fazer seus próprios drones. O Irã é hoje um dos países mais avançados na produção de drones, fizeram o mesmo com foguetes e outras tecnologias. Pegavam aqueles foguetes do Saddam que caíam sem explodir, desmontavam e entendiam o funcionamento. E claro, receberam ajuda de outros países também, conseguiam informações da Rússia, da China, e prova-

velmente do Paquistão. Mas esses dois aspectos foram importantes, captamos muito do dia a dia, o cotidiano. Tivemos um problema, por causa do nosso tradutor, uma pessoa maravilhosa, tinha experiência como intérprete de técnicos de futebol. O Irã teve um técnico brasileiro muito importante para o desenvolvimento do futebol deles, e esse nosso tradutor havia trabalhado com vários técnicos brasileiros. Mas jornalismo era outra coisa... A gente acabava tendo dificuldade para conseguir informações precisas na hora. Mesmo assim, nos viramos - andamos pra caramba, correndo de um lado para outro, com três ou quatro compromissos por dia durante aqueles sete, oito dias. Acumulamos um material bem rico. E eu queria especialmente mostrar esse cotidiano dos iranianos. Falei bastante do cinema também, que é uma coisa impressionante... Sabia que o Irã tem mil salas de cinema? Veja só: hoje o Irã é um país, para comparar, o Brasil tem três mil salas de cinema - sendo que o Brasil é muito maior que o Irã. Isso mostra que eles têm uma tradição cinematográfica muito forte. Eu tive a oportunidade de visitar aquela televisão que foi bombardeada? Estive lá uma semana antes do ataque. Não exatamente no prédio onde morreram duas pessoas, mas no prédio da TV que produz animação, eles tem uma soberania completa na área de televisão. Eles não importam programas de ninguém. Produzem suas próprias novelas, dramas (nada daqueles mexicanos), desenhos animados - tudo feito localmente. Essa soberania cultural se estende a várias áreas, têm um cinema robusto, uma história muito longa... Mas o que realmente me marcou foi o alto grau de soberania cultural e tecnológica do Irã. Confesso que me surpreendeu bastante.



Ao longo da entrevista, Lula debateu assuntos como a importância da defesa da democracia, o trabalho de reconstrução do país realizado desde o início de seu terceiro mandato, em janeiro de 2023, e sobre como as políticas e programas sociais impactam positivamente a vida das pessoas

Lula no Mano a Mano: 10 frases que marcaram a entrevista com Mano Brown

Presidente falou sobre o desafio de reconstruir o país, a força da extrema direita e os próximos passos até 2026

Henrique Nunes

Mano Brown e Lula pareciam velhos amigos numa conversa informal de botequim, tamanha a descontração com que gravaram o episódio do podcast Mano a Mano, publicado no Spotify no dia 19 de julho. A intimidade dos dois, no entanto, é fruto de respeito e afinidade política. O último encontro havia

ocorrido quatro anos antes, também para o programa. [O episódio pode ser ouvido neste link.](#)

Lula é o primeiro entrevistado a retornar ao Mano a Mano e mostrou que a escolha fez mais do que sentido. Falou de tudo: do avanço da extrema direita às eleições de 2026, passando pela comunicação do governo, segurança pública, regulação das redes e reconstrução do Estado. “Podem procurar o candidato que quiserem... Se eu for candidato, é para ganhar as eleições. Que a extrema-direita está procurando adversário...

qualquer um terá que fazer mais do que eu”, disse.

A seguir, os 10 momentos mais marcantes da entrevista de Lula a Mano Brown:

1. Um país em ruínas

“De vez em quando eu olho para a destruição na Faixa de Gaza e fico imaginando o Brasil que nós encontramos. Não tinha mais Ministério do Trabalho, nem Ministério da Igualdade Racial, nem Direitos Humanos, nem Cultura. Foi uma destruição proposital.



Era uma coisa organizada, para tentar desmontar o país, para desestruturar o Estado brasileiro. [...] A gente tinha milhões de trabalhadores desempregados, a economia estava completamente parada, não tinha política social, não tinha programa de emprego. Era uma destruição mesmo.”

2. A realidade do Congresso e os limites do Executivo

“Para governar esse país, você precisa compor. Eu elegi 70 deputados do meu partido, numa Câmara com 513. [...] Não adianta reclamar que o Congresso não aprovou uma lei se você não tem maioria lá. Você tem que negociar, fazer alianças, dialogar. [...] Quem acha que o presidente governa sozinho está muito enganado. Eu aprendi que governar é pactuar.”

3. Regulação das redes sociais

“A regulamentação das redes sociais se dará pelo Supremo Tribunal Federal, porque o Congresso é mais vulnerável à pressão das empresas do setor. [...] Essas plataformas não podem ser usadas para desinformação, incitação ao

ódio ou para provocar a morte das pessoas. É um campo que ainda está muito aberto e a gente tem que regular, senão ficamos vulneráveis a manipulações e a crimes que acontecem impunemente.”

4. Custo de vida e falha na comunicação

“O dinheiro voltou a circular, o desemprego caiu, a economia cresceu. Mas o custo de vida subiu e não comunicamos bem para a população como estamos lidando com isso. [...] O PIB da indústria cresceu, o emprego cresceu, mas isso não está chegando à população. Por isso que eu troquei a nossa comunicação... Agora a gente tem que baixar o preço do ovo, do café, para que os resultados do governo cheguem à mesa da população.”

5. “Se eu for candidato, é para ganhar”

“Eu não vou ser candidato só para participar. Eu vou ser candidato para ganhar. Se eu estiver com saúde, disposição e energia, vou à luta para reconquistar a confiança do povo brasileiro. [...] Podem procurar o candidato que quiserem... Se eu for candidato, é para ganhar as eleições. Que a ex-

trema-direita está procurando adversário... qualquer um terá que fazer mais do que eu.”

6. Preocupação com inteligência artificial

“Estou muito preocupado com o uso da inteligência artificial nas próximas eleições e a prioridade de toda a sociedade deve ser combater as distorções que podem ser causadas com o uso indevido da IA.”

7. Combate à extrema-direita

“Se depender do meu esforço físico, da minha consciência política, a extrema-direita não volta a governar esse país, pode ter certeza disso.”

8. Câmeras nas fardas e segurança pública

“Muitas vezes, a polícia chega atirando. Por isso exigimos o uso de câmeras nos uniformes. Isso torna o comportamento policial mais comedido.”

9. Transição energética com realismo

“Eu disse que sou favorável à ideia de um dia não haver combustíveis fósseis. Mas, francamente, sou muito realista. O mundo não está preparado para viver sem petróleo.”

10. Compromisso com a entrega

“Quando sai uma denúncia de corrupção no meio do meu governo, é normal que no primeiro momento as pessoas pensem que foi no governo Lula, porque fomos nós que descobrimos... Eu disse que esse ano era o ano da colheita, que a gente vai entregar. Eu estou convencido que nós vamos entregar mais coisas do que o povo jamais imaginou.”



Margarida Salomão propõe tarifa zero em Juiz de Fora

Projeto da prefeita petista pode garantir transporte público gratuito todos os dias da semana

Redação Focus Brasil

A cidade de Juiz de Fora (MG) pode ser a próxima do Brasil a contar com tarifa zero no transporte coletivo. A prefeita Margarida Salomão enviou à Câmara Municipal um projeto de lei que autoriza o Executivo a firmar parcerias para viabilizar a gratuidade. O objetivo é garantir o acesso universal ao transporte público, reduzir desigualdades e

impulsionar o comércio e os serviços locais.

A proposta prevê a criação de um fundo municipal de mobilidade, que poderá receber recursos públicos e de parcerias privadas. Com isso, a gestão busca assegurar a sustentabilidade financeira do sistema de transporte urbano sem repassar os custos aos usuários. A medida também tem potencial para reduzir o número de veículos em circulação e os impactos ambientais.

Caso aprovada, Juiz de Fora se tornará uma das maiores cidades brasileiras a adotar o modelo de

tarifa zero diariamente. Atualmente, a cidade já oferece transporte gratuito aos domingos, iniciativa que tem tido boa recepção popular. A expectativa da prefeitura é ampliar esse benefício de forma permanente.

A proposta faz parte de uma visão mais ampla de política pública voltada à inclusão social e à revalorização da cidade como espaço coletivo. Segundo a prefeitura, o transporte gratuito pode representar não só um alívio no orçamento das famílias, mas também uma transformação no modo de viver e circular pela cidade.

Mauro Cid e Braga Neto participam de acareação no STF

Integrantes do governo Bolsonaro estiveram em audiência com o ministro Alexandre de Moraes para bater as versões de fatos envolvendo a trama golpista

Bruno Spada/Câmara dos Deputados/Tânia Régio/Agência Brasil



Nesta terça-feira (24), o general Walter Braga Netto e o tenente-coronel Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Jair Bolsonaro (PL), participaram de acareação no STF, o Supremo Tribunal Federal. A condução da audiência foi do ministro Alexandre de Moraes.

O principal ponto de esclarecimento foi a suposta entrega de dinheiro vivo de Braga Netto a Cid. Segundo a denúncia, o recurso financeiro foi utilizado para ações golpistas de militares em 2022, e teria sido entregue a um militar que iria executar o plano de prisão e assassinato do ministro Moraes.

Braga Netto e Mauro Cid são

réus na ação que apura a participação do chamado “núcleo crucial” da organização criminosa acusada de tramocar um golpe de Estado no país. Cid tem um acordo de colaboração premiada fechado com a Polícia Federal.

Braga Netto é amigo do pai de Cid desde a década de 1970, quando se conheceram na Academia Militar das Agulhas Negras e foram contemporâneos no Alto Comando do Exército.

O clima foi considerado tenso nas duas horas de audiência. Não houve gravação em vídeo, apenas o registro por escrito, em uma ata, que apontou que os dois mantiveram versões diferentes sobre os episódios citados na delação premiada.

A defesa de Bolsonaro criticou

Cid e elogiou o general. “Contradições são o que ele apresenta cotidianamente”, disse Celso Vilar, o advogado do ex-presidente. “Ele não consegue sanar [as contradições]. Quando aperta, ele não lembra”, comentou.

A audiência foi solicitada por Braga Netto, que está preso desde dezembro. Além de Cid e Braga Netto, uma segunda acareação será feita entre o réu Anderson Torres (ex-ministro da Justiça) e Marco Antônio Freire Gomes (ex-chefe do Exército), testemunha do processo. As sessões serão fechadas à imprensa, sem transmissão.

Braga Netto, que está preso em uma unidade militar no Rio de Janeiro, e viajou à Brasília para a acareação com Cid. Agora, retorna ao Rio, onde permanece preso.



Lula participa da foto oficial da Cúpula do G7 ao lado de chefes de Estado e governo. Presidente defendeu ação global contra a fome, transição energética e mais voz para o Sul Global nas decisões multilaterais.

Lula no G7: “É hora de devolver à ONU o protagonismo pela paz”

Presidente participou da reunião ampliada do G7 no Canadá, defendeu a COP 30, criticou os gastos militares e cobrou mais representatividade para o Sul Global

Fernanda Otero

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva participou, no dia 17 de junho, da reunião ampliada da Cúpula do G7, realizada em Kananaskis, no Canadá. O convite partiu diretamente do primeiro-ministro canadense, Mark Carney, que telefonou pessoalmente ao chefe de Estado brasileiro para formalizar a participação. Também estiveram presentes representantes da África

do Sul, Índia (ambos membros do BRICS), Austrália, Coreia do Sul, Emirados Árabes Unidos e México.

Durante as intervenções, Lula defendeu a realização da COP 30 no Brasil, reafirmou a urgência climática, cobrou reforma nas instituições multilaterais e propôs que o FMI atue com mais atenção às necessidades dos países do Sul Global.

A pauta ambiental como prioridade

Na abertura de sua fala, Lula

lembrou que a mudança do clima exige ação imediata e coletiva. “O G7 nasceu em reação às crises do petróleo. Os choques dos anos setenta mostraram que a dependência de combustíveis fósseis condena o planeta a um futuro incerto. Mas o mundo resiste em aceitar que a diversificação é chave para a segurança energética”, afirmou.

O presidente ressaltou que o Brasil é referência global em energias renováveis. “Fomos o primeiro país a investir em larga escala em alternativas renováveis. Noventa por cento da nossa matriz elétrica provém de fontes lim-



pas. Somos hoje o segundo maior produtor mundial de biocombustíveis.”

O anfitrião da Cúpula, Mark Carney, elogiou o papel do Brasil e destacou a importância da COP 30, que será realizada em Belém (PA). “Será a reunião mais importante do ano, e não há ninguém melhor para liderar esse esforço que você”, declarou, dirigindo-se a Lula.

ONU precisa recuperar protagonismo

O presidente brasileiro também cobrou o resgate do papel da ONU como espaço legítimo para o diálogo e a mediação de conflitos. “Estão sentados em torno desta mesa três membros permanentes do Conselho de Segurança e outras nações com tradição na defesa da paz. É o momento de devolver o protagonismo à ONU.”

Lula sugeriu que o Secretário-Geral da organização convoque um grupo representativo de países comprometidos com a paz. “É preciso restituir à ONU a prerrogativa de ser a casa do entendimento e do diálogo”, afirmou.

Ele também criticou o uso da guerra como instrumento de política internacional. “Ano após ano, guerras e conflitos se acumulam, gastos militares consomem anualmente o equivalente ao PIB da

Itália. São 2,7 trilhões de dólares que poderiam ser investidos no combate à fome e na transição justa.”

**“Os gastos
militares
consomem
2,7 trilhões de
dólares por ano.
Isso poderia
estar sendo
investido na luta
contra a fome
e na transição
justa.”**

Sobre a guerra na Ucrânia, Lula reiterou que não haverá vitória pela via militar. “Só o diálogo entre as partes pode conduzir a um cessar-fogo e pavimentar o caminho para uma paz duradoura.” E sobre Gaza, foi enfático: “Nada

justifica a matança indiscriminada de milhares de mulheres e crianças e o uso da fome como arma de guerra.”

Por um FMI mais justo

A agenda econômica também teve espaço no discurso brasileiro. Lula destacou a concentração de poder nas instituições financeiras multilaterais e cobrou mais representatividade para os países em desenvolvimento. “Os membros do G7 detêm mais de 40% do poder de voto no Banco Mundial e no FMI. Tornar essas instituições mais representativas é crucial para aproximá-las das necessidades do Sul Global.”

Ele lembrou que muitos países endividados não têm meios para implementar transições energéticas. “Instrumentos como a troca de dívida por desenvolvimento e a emissão de direitos especiais de saque podem mobilizar recursos valiosos”, sugeriu.

50 anos de G7

Criado há 50 anos, o G7 surgiu por iniciativa do então presidente francês Valéry Giscard d’Estaing, com o objetivo de reunir os países mais industrializados do mundo para tratar de temas econômicos globais. Atualmente, o grupo é formado por Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido, além da União Europeia como convidada permanente.



23/06/1937

Academia de Mestre Bimba é reconhecida

Manuel dos Reis Machado, o Mestre Bimba, consegue registrar sua academia de capoeira na Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Pública da Bahia. Enquadrada como modalidade esportiva e marcial, ela passa a se chamar Centro de Cultura Física e Capoeira Regional, com sede no tradicional bairro do Pelourinho, em Salvador.

O mestre tentava popularizar sua prática, inclusive entre as classes médias e os estudantes universitários. Para tanto, inspirado em lutas como o jiu-jítsu, o judô, a luta greco-romana e até o maculelê, Mestre Bimba inventou novos golpes e um novo jeito de jogar a capoeira.

A academia existia desde 1932, no Engenho Velho de Brotas, em Salvador, mas nunca obteve o reconhecimento do poder público. O alvará de funcionamento foi um marco importante, pois, apesar de a polícia ainda perseguir seus praticantes, a luta que mescla dança

e combate começaria a ser aceita pelas autoridades.

Foi um longo caminho. Perseguida desde a escravidão, proibida em todo o território nacional pelo primeiro código penal da República, de 1890, a capoeira resistira à repressão e continuava a ser praticada.

Com a Revolução de 1930, intelectuais modernistas, que desde a década anterior procuravam valorizar as raízes da nossa brasilidade, ganharam espaço nas editoras e no próprio aparelho de Estado. A cultura negra já interessava aos estudiosos que, como Gilberto Freyre, valorizavam nossa herança africana e a influência do negro na formação nacional.

Em 1934, realizava-se no Recife o 1º Congresso Afro-Brasileiro, onde estudiosos não só apresentaram trabalhos, mas também visitaram terreiros, provaram comida de santo, ouviram batuques, assistiram a exposições de pinturas e fotografias e presenciaram

demonstrações de capoeira e de samba de roda.

O 2º Congresso Afro-Brasileiro aconteceu em Salvador, de 10 a 20 de janeiro de 1937. Dessa vez, além de reuniões e apresentações de trabalhos, demonstrações de capoeira, exposições e visitas a terreiros de umbanda e candomblé, houve manifestações de afrodescendentes, pela valorização e respeito à sua cultura. Eles não queriam ser vistos apenas como objetos de estudo, mas como pessoas com direitos a reconhecer e respeitar. No final do Congresso, aprovou-se uma moção de apoio à luta antifascista pela libertação do negro assalariado.

Uma nova narrativa sobre o Brasil estava sendo construída e consolidada. Nela, o africano e seus descendentes seriam valorizados, e a miscigenação, vista como um grande trunfo brasileiro. Foi assim que a feijoada, a capoeira e o samba viraram símbolos da brasilidade.



24/06/1960

Ação dos sem-terra faz nascer o Master

Nasce o Movimento dos Agricultores sem Terra (Master), resultado da luta de trezentas famílias de camponeses sem terra, que vêm resistindo à reintegração de posse de 1.800 hectares na localidade de Faxinal, município de Encruzilhada do Sul (RS).

Nos dois anos seguintes, com o apoio do governador Leonel Brizola e do PTB, e também de militantes do PCB, o Master organizaria associações rurais nos municípios gaúchos.

Em 1962, o Master passaria a organizar acampamentos ao lado das áreas que queria ver desapropriadas, geralmente terras públicas ou ainda terras particulares mas sem comprovação de posse ou improdutivas.

Os primeiros acampamentos realizados pelo Master, em 1962, seriam nos municípios de Sarandi e na localidade de Banhado do Colégio, em Camaquã. As duas áreas, desapropriadas pelo governo do estado, incentivaram a formação de centenas de acampamentos, que se converteriam numa marca registrada do movimento.

Sem violar a lei, pois não ocu-

pavam o latifúndio, e utilizando como base legal os artigos 173 e 174 da Constituição do Rio Grande do Sul — que previam a desapropriação das terras devolutas ou improdutivas — os agricultores acampados reivindicavam a desapropriação e distribuição das terras.

O movimento logo ganharia autonomia em relação ao governo estadual e atuaria sob orientação das associações rurais. Mesmo assim, dezenas de outras fazendas ainda seriam desapropriadas.

Brizola havia demonstrado preocupação com a regularização das terras do estado e desde o início de seu governo e não hesitou em intervir em favor dos posseiros quando eclodiu o conflito de Faxinal — enviando brigadas militares para proteger os lavradores nas áreas em litígio — e em apoiar a criação do Master.

Outras medidas foram tomadas por seu governo em favor do movimento, como a criação de um grupo de trabalho para estudar a introdução da reforma agrária no estado e o reconhecimento, como entidades de interesse pú-

blico, das mais de dez associações rurais então existentes.

Em janeiro de 1962, o governo lançaria o Programa de Projetos Especiais de Reforma Agrária e Desenvolvimento Econômico-Social; em abril do mesmo ano, criaria o Instituto Gaúcho de Reforma Agrária (Igra). Ambos teriam o objetivo de organizar as cooperativas e comunidades de pequenos e médios agricultores e promover a democratização da propriedade da terra.

Nesse ano, o governador dividiria com os sem-terra parte de sua fazenda Pangaré, localizada em São José do Norte, pedindo aos fazendeiros que doassem pelo menos 10% de suas propriedades. O próprio presidente João Goulart faria o mesmo.

Brizola seria sucedido no governo por Ildo Meneghetti (PSD), que reprimiu violentamente o movimento e promoveria um desmonte no Igra, demitindo 33 dos 30 funcionários.

O Master sobreviveria até 1964, chegando a articular-se com Brizola e entidades estudantis e sindicais para resistir ao golpe militar.



21/06/1968

28 pessoas morrem na Sexta-Feira Sangrenta

Uma semana que começou com a prisão do líder estudantil Jean Marc von der Weid terminou no maior enfrentamento entre policiais, estudantes e população no centro do Rio, que resultaria em 28 mortes. No dia 18, Jean Marc havia sido preso com outros estudantes ao final de uma passeata. No dia seguinte, novo ato foi reprimido com violência pela polícia.

Em 20 de junho, centenas de estudantes se reuniram no Teatro de Arena da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e obrigaram o reitor e o Conselho Universitário a debater com eles a situação do ensino superior. Ao saírem de lá, os jovens são violentamente reprimidos com golpes de cassetete e tiros. Mais de 300 foram presos e levados ao campo do Botafogo, onde sofreram espancamentos e humilhações.

Na manhã do dia 21, sexta-feira, nova passeata em protesto contra a repressão paralisa o centro do Rio. Os estudantes reagem às investidas da polícia, enfrentando a cavalaria com rolhas e bolas de gude, que fazem os cavalos tombar. A população apoiou os jovens e também atacou a polícia com pedras. Do alto dos prédios, objetos foram atirados sobre os soldados. A polícia reagiu com tiros. Bombas de gás lacrimogêneo foram lançadas de helicópteros. Durante o fim da manhã e toda a tarde, o conflito se espalhou por uma extensa área do centro.

A batalha durou até o início da noite e persiste uma controvérsia com relação ao número de mortos. O verbete do Centro de Documentação de História Contemporânea (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, fala em “um saldo de 28 mortos, segundo informações dos hospitais – ou três, segundo a versão oficial”. Restaram ainda centenas de feridos, mais de mil presos e 15 viaturas incendiadas na Sexta-Feira Sangrenta.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br

memorialdademocracia.com.br



F U N D A Ç Ã O
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO *que transforma*

 @fpabramo

 @fpabramo

 Fundação Perseu Abramo

 (11) 5571-2609

 fpabramo.org.br

 teoriaedebate.org.br

 fpabramo.org.br/focusbrasil

formação **FPA**

DIRETORIA DE
FORMAÇÃO
ESCOLA
NACIONAL DE
FORMAÇÃO

NAPPs

NOPPE



Centro de
Documentação e
Memória Política
Sérgio Buarque
de Holanda